

RICHARD ZIMLER

MEIA-NOITE  
OU  
O PRINCÍPIO DO MUNDO

Tradução de

Maria Dulce Guimarães da Costa

## Prefácio

Um vento violento trazia a chuva do mar enquanto me dirigia para casa pelas calçadas íngremes e escorregadias da minha adorada cidade do Porto.

Estávamos em maio de 1798, um mês depois do meu sétimo aniversário. Cuidadosamente arrumados dentro do cesto de verga, encontravam-se dois rolos de musselina azul-índigo que tinha concordado em ir buscar para a minha mãe – mas apenas em troca de um favor, devo confessar. Se esta chuva salpicasse um fio do seu tecido, ela iria resmungar toda a noite e recusar-se-ia a fazer o meu doce preferido. Daí que, não tanto para continuar a proteger as mercadorias, mas tendo em conta a minha gulodice, tenha procurado abrigo.

Uma certa desconfiança herdada em relação a todas as coisas religiosas levou-me a escolher como refúgio a velha livraria do senhor David, em vez da capela caiada mesmo ali ao lado. Quando transpus a porta baixa, o senhor David incitou-me a deixar o cesto atrás da sua escrivaninha e a descalçar as botas encharcadas, que pendurou por cima da grade de ferro ao pé da lareira.

– Senhor David – perguntei –, posso ir para as Ilhas Britânicas?

– Vai lá, rapaz! – acedeu, sorrindo.

Corri pelo soalho rangente rumo à bafienta sala do fundo, onde o senhor David guardava o seu tesouro de livros ingleses, a que o meu pai e eu, desde que me consigo lembrar, chamávamos as Ilhas Britânicas.

Devo explicar que, embora eu tenha nascido no Porto, uma cidade provinciana com sessenta e cinco mil almas, no Norte de Portugal, o

meu pai tivera a honra – como ele tantas vezes dizia – de ter nascido escocês. Eu ainda não me apercebera disso, mas, quando falava inglês, fazia-o com uma pronúncia claramente escocesa.

Com estantes carregadas de livros, mofo e aranhas de patas fininhas, estas Ilhas Britânicas eram abençoadas pela abundância, mas, infelizmente, não se podiam gabar de ter uma janela decente, salvo a pequena claraboia octogonal no teto baixo e curvo. A chuva fustigava o vidro amarelecido, provocando um tamborilar muito semelhante ao de ratos a correr.

Estava tão escuro que mal conseguia ver as minhas próprias mãos e pensava em pedir uma vela quando, repentinamente, o sol espreitou por entre as nuvens, iluminando uma estante encostada à parede. Aproximando-me, distingui um dos títulos gravado em letras douradas cintilantes – *As Fábulas da Raposa*. Visto que não havia nenhum nome de autor impresso na capa, e dado como eu era a voos de fantasia, imaginei que tinha sido uma raposa inteligente a escrevê-las.

O sol desapareceu e ficou tudo escuro outra vez. Enxotei *Hércules*, o gato malhado do senhor David, sentei-me na serradura do chão e abri o livro. Lá dentro, as espessas páginas amarelecidas tinham desenhos coloridos de cães, gatos, macacos, elefantes e muitos outros animais – uma espécie de Arca de Noé. Fiquei tão excitado com aquela descoberta que só consegui ler as primeiras frases de cada história. Desejando perguntar o preço ao senhor David, mas temendo a perspectiva de uma quantia acima das minhas posses, levantei-me para ponderar as opções. Foi nessa altura que uma folha de papel azulado, qual asa de borboleta, caiu das páginas do livro, flutuando até pousar em cima do meu pé direito.

Apanhei-o e olhei sub-repticiamente em volta. O senhor David estava sentado à secretária a fumar cachimbo, esfregando distraidamente a careca enquanto estudava um mapa enorme. *Hércules* tinha-se enroscado no colo dele.

Plantei-me no canto mais escuro da sala e percebi que aquele papel era, na verdade, uma carta, escrita numa letra elegante e dirigida a uma mulher chamada Lúcia. Começava: *Minha adorada, considerar-me-ias demasiado atrevido se dissesse que todas as noites caio nos braços do sono imaginando a tua mão sobre o meu peito?*

A seguir, li sobre lábios húmidos, luar, desmaios e flores de laranja. Reconheci a palavra *seios*... Que emocionante aquilo parecia! Todavia, muitas outras palavras eram-me desconhecidas. Precisaria de um dicionário para saber quão chocante era a carta.

Estava assinada com um grande floreado por um homem chamado Joaquim. Ele até fazia a pintinha do *i* com a forma de um coraçãozinho minúsculo.

Questionei-me se *As Fábulas da Raposa* teriam sido um presente de Joaquim para Lúcia. Se calhar, ela tinha ficado aborrecida e vendera o livro ao senhor David, esquecendo-se de que escondera a carta do seu pretendente lá dentro. Uma vez que não tinha data, os dois apaixonados podiam muito bem já ser avós. Embora também pudesse dar-se o caso de ainda serem solteiros e estarem naquele preciso momento a planear o próximo encontro secreto no cimo da Torre dos Clérigos, a sessenta metros das ruas da cidade.

Meti a carta na algibeira dos calções, inspirei uma golfada de ar bafiento para ganhar coragem e avancei, resoluto, para o senhor David. Entregando-lhe o livro tão inocentemente quanto o meu coração acelerado permitia, depusitei-lhe na enorme palma da mão todas as moedas de cobre que trazia naquele momento: quatro moedas de cinco réis. A julgar pelo seu nariz franzido, a bela maquia de vinte réis não andava sequer perto do valor do livro. Lançando-lhe um olhar desamparado, como fazia quando lidava com adultos, implorei-lhe que mo deixasse ir pagando todas as semanas.

– Não posso, John – disse ele, abanando a cabeça. – Se eu fizesse negócios a crédito, estaria na miséria.

– Por favor, por favor, *por favor*... eu pago-lhe o resto num mês – choraminguei, sem fazer a menor ideia de como iria cumprir aquela promessa, mas sem querer ver as fábulas tão bem ilustradas fugirem-me.

Claro que podia ter-me ido simplesmente embora com a carta na algibeira, mas não conseguia pensar em tê-la sem o livro. Isso para mim seria roubo.

Sabendo que ele estava prestes a recusar novamente, recorri a todos os meus dotes teatrais e assumi a expressão de um órfão indigente. O senhor David soltou uma gargalhada, visto que já estava à

espera disso. No entanto, como recompensa pelo meu esforço, acedeu ao negócio, dando-me uma palmadinha na cabeça, enquanto dizia, à laia de aviso:

– Se não fores capaz de cumprir o nosso acordo, fico *contigo* como pagamento e depois, não tenhas ilusões, mando a minha mulher cozinhar-te para o jantar!

– Como sou quase só ossos e nariz, vou saber a gaivota – saiu-me como resposta, e esta tirada agradou tanto ao senhor David que voltou a rir-se e, puxando um banco, aconselhou-me a examinar a minha nova compra enquanto esperava que a tempestade passasse.

E foi assim que comecei a ler a primeira das fábulas, particularmente digna de ser recordada «O Rato, a Rã e a Águia», cuja moral é: *Aquele que persegue o mal, persegue-o até à sua própria morte.*

Quando o sol voltou, meia hora mais tarde, agradei ao senhor David, calcei as botas e corri para casa. Depois de grandes elogios da minha mãe por ter tomado tão bem conta do seu tecido, subi dois a dois os degraus da escada até ao meu quarto, onde eu e a carta podíamos estar sozinhos.

Paguei os meus tesouros um mês depois, tal como havia prometido, com dinheiro ganho a ajudar o meu pai a limpar o escritório dele e a arrecadação.

Dormi com o livro e a carta debaixo do colchão durante meses. Os dois objetos tornaram-se-me tão inseparáveis como os próprios Joaquim e Lúcia.

O mais provável era a minha mãe ter descoberto a carta enquanto arrumava o meu quarto, mas nunca o mencionou. Anos mais tarde, ofereci-a à minha noiva – juntamente com *As Fábulas da Raposa* – como prenda de casamento.

Quando ela morreu, agarrei-me a estes dois pertences como se me pudessem salvar de um naufrágio.

Desde o dia em que comprei *As Fábulas da Raposa*, tenho estragado a vista com milhares de noites a ler à lareira ou na cama à luz de uma vela. Uma longa familiaridade com a arte de contar histórias tornou-me consciente de que um conto como o que estou prestes a narrar deve incluir um homem, ou uma mulher, generoso ou com

um coração particularmente corajoso. E, no entanto, sinto que me falta tudo para esse papel. Além disso, não confio nos meus talentos para fazer um relato exato dos acontecimentos que me levaram de Portugal à América. Por isso, sinto que a forma mais adequada e honesta de começar é com um rapaz de doze anos chamado Daniel, que tive a sorte de conhecer por acaso há cerca de vinte e quatro anos. Foi ele que pôs em movimento as ondas que mais tarde me fariam atravessar o oceano Atlântico. Se mereço o papel central nesta história, é, em parte, graças ao exemplo corajoso que ele me deu.

Enquanto me preparo para escrever sobre Daniel e tantas outras coisas, dou por mim a pensar qual a mensagem secreta que pode flutuar das páginas desta história e cair aos vossos pés. Resta-me esperar que o que quer que vos chegue às mãos encontre um coração aberto e uma alma livre de preconceitos.

I

# 1

Embora fosse uma criança de roupas esfarrapadas e sem maneiras, Daniel sempre ocupou um lugar especial no meu coração. Se a nossa vida em conjunto tivesse sido um livro de aventuras, ele teria continuado a praticar horas a fio, à luz da candeia, para na última página se tornar um escultor célebre. Mas a vida, já o meu pai dizia, é, na melhor das hipóteses, um Jogo da Papisa Joana numa mesa viciada, com o jogador que dá as cartas a esconder as melhores nos folhos da manga. E, por isso, o meu amigo foi impedido de realizar essas maravilhas.

Se a sorte lhe tivesse sorrido, ou, mais importante ainda, se eu, John Zarco Stewart, tivesse tido mais força de braços, também a minha vida teria lucrado com isso. Afinal, muitas vezes só compreendemos o papel que tivemos nas pessoas que amamos volvidos muitos anos.

Conheci Daniel em junho de 1800, quando tinha nove anos. Por essa altura, já eu descobrira *As Fábulas da Raposa* nas Ilhas Britânicas. Nesse dia, saíra cedo, tendo devorado, para desagrado da minha mãe, uma côdea de pão de trigo que barrara com mel e emborcado uma chávena de chá.

O meu destino era um laguinho – ou *tarn*<sup>1</sup>, como o pai lhe chamava – muito para lá das muralhas da cidade, na zona interior coberta de árvores ao longo da estrada para Vila do Conde. Era um

---

<sup>1</sup> Termo escocês. (N. da T.)



sítio magnífico para observar todos os tipos de aves, especialmente logo depois do nascer do Sol. Naquele tempo, e ainda hoje, eu era um grande amante das lindas criaturas de penas, ar e luz, bem como um grande apreciador e imitador do canto das aves. Nessa altura, tivesse eu podido suplicar a Deus um bico e asas, e certamente me teria transformado numa dessas criaturas.

Já me estava a aproximar dos degraus de granito ao fundo da rua que conduzem à zona ribeirinha, quando me chegaram uns gritos roucos vindos de um beco ali perto. Correndo para lá a toda a velocidade, fui dar com a dona Beatriz, uma lavadeira viúva a quem entregávamos os lençóis todas as quartas-feiras, estendida nas pedras da calçada diante de casa. Ganindo como um cão espancado, tinha os joelhos ossudos puxados para a barriga para se proteger. Um bruto de peruca e libré de cocheiro agigantava-se ameaçadoramente sobre ela, a cara contorcida de raiva.

– Sua cadela desleixada! – gritava o homem, cuspidando as palavras. – Sua *marrana* mentirosa e ladra!

*Marrana* era uma palavra nova para mim. Mais tarde, o meu professor explicou-me que tinha dois significados, porca e judia convertida, um epíteto que me confundira, já que nunca ouvira ninguém referir-se à dona Beatriz senão como uma boa alma cristã. De facto, fazia apenas uma ideia muitíssimo vaga do que poderia ser um judeu, pois, embora a minha avó me tivesse falado deles em duas ou três ocasiões, retivera apenas algumas lendas em que feiticeiros judeus pareciam estar sempre a frustrar as ações de reis execráveis com as suas rezas mágicas.

Agora, o malvado cocheiro terminava a sua diatribe rosnando:

– Vou vender-te para fazer cola, sua meretriz preguiçosa!

A seguir, depois de ter dado vários pontapés na dona Beatriz, agarrou-lhe os cabelos ralos, preparando-se para lhe atirar a cabeça contra as pedras da calçada.

O coração batia-me violentamente no peito e comecei a sentir-me tonto. Perguntei-me se deveria soltar um grito e se este conseguiria sobrevoar os telhados que me separavam do meu pai e acordá-lo. Naquele tempo, estava convencido de que, com o seu metro e oitenta, ele conseguia restabelecer a ordem no mundo.

Teria por certo dado voz a este grito dilacerante se, vinda de nenhures, uma pedra não tivesse atingido o bruto na cara. Fora atirada com tanta pontaria e com tamanha força que o malfeitor cambaleou com o choque. Caído sobre um joelho, pareceu desorientado até dar com a pedra caída inocentemente aos seus pés. Olhando em volta à procura do voluntarioso David que se atrevera a desafiá-lo, depressa fixou em mim um olhar ultrajado. Com a minha camisa branca de folhos, calções pretos às riscas vermelhas e botas de fivela, eu era um inimigo pouco provável. Naquele tempo, tinha inclusive uns canudos angelicais e aquilo a que o meu pai chamava «olhos de corça» cinzento-azulados. Ainda assim, recuei vários passos e desatei aos soluços, uma reação habitual provocada pelos nervos.

Tencionava fugir se ele me ameaçasse, mas, em vez disso, desviou o olhar para um rapazito no outro lado da rua. Este parecia mais velho do que eu uns bons três anos e vestia uma camisa rota e calções imundos. Os pés descalços estavam tão sujos que lembravam raízes arrancadas do solo. Tinha a cabeça rapada.

Estávamos no princípio do verão de 1800 e, apesar da alvorada de um novo século, era ainda uma época em que as crianças não se dirigiam aos adultos sem antes terem sido convidadas a fazê-lo. Uma pedra atirada por um enfeitado miseravelmente vestido a um cocheiro de libré ao serviço de um homem rico equivalia a heresia.

O homem levantou-se com dificuldade, apalmando a cara com as pontas dos dedos. Olhando, incrédulo, para o sangue na mão, lançou-se para a frente.

– Seu filho da mãe! – balbuciou.

Reunindo forças, atirou a pedra com um grunhido. O projétil voou por cima e para lá do alvo, fazendo ricochete na fachada da casa do senhor Aurélio, o sapateiro. Aquele foi o último ato que o nosso malfeitor tentaria nesse dia. Os olhos reviraram-se-lhe nas órbitas e caiu desamparado, a cabeça embatendo no chão com um ruído surdo que não augurava nada de bom.

Eu tremia de medo e excitação. Nunca me sentira tão vivo. Imaginem – uma pedra atirada por um gaiato andrajoso derrubar um brutamontes horrendo a menos de duzentos passos de minha casa!

A dona Beatriz estava a levantar-se, os braços apertados em volta

da barriga como se protegessem uma criança por nascer. Sacudia a cabeça, confusa, claramente a tentar perceber o que acontecera. O sangue escorria-lhe do lábio superior; um dos olhos estava inchado e fechado e, mais tarde, iria infetar. Tornar-se-ia um berlinde leitoso com um centro cinzento enevoadado até ao fim dos seus dias.

Daniel correu para ela, mas a dona Beatriz agitou uma mão trémula, travando-o.

– Vai para casa – disse, limpando a boca. – Falamos mais tarde. Vai-te embora daqui antes que haja mais sarilhos. Por favor.

O rapaz abanou a cabeça.

– Não vou. Pelo menos, enquanto esse merdas não for varrido para um monte de estrume – disse apontando o vilão.

A pronúncia de Daniel indicava que morava na zona ribeirinha. Senti inveja da forma como ele parecia feito para o Porto, uma cidade que tinha a sua quota-parte de clubes de cavalheiros e jardins formais, mas também, no seu coração, um labirinto de vielas escuras, frequentadas por bufarinheiros, catraios e ladrões de pouca monta.

– Daniel, ouve o que te digo – replicou a dona Beatriz, respirando com dificuldade. – Tens de sair da cidade. Daqui a dois dias, encontramos-nos em tua casa. *Por favor*, antes que haja sarilhos...

A mulher teria continuado a suplicar, não fora os vizinhos terem começado a juntar-se. Pouco depois, um grupo de homens – uns ainda com as roupas de dormir, outros de tronco nu – tinha formado um círculo em redor do cocheiro caído.

– Está morto? – perguntou o mestre Tomás, o carpinteiro, ao cunhado Tiago, o pedreiro, que colocara as costas da mão sob o nariz do homem para ver se lhe sentia a respiração.

Várias vizinhas acorriam agora a ajudar a dona Beatriz, levantando-a e fazendo perguntas sobre o homem e a razão por que estava tão furioso. Aproximei-me do grupo dos homens.

– Não, ainda está vivo – respondeu Tiago, desapontado. Um começo perfeito para um dia de coscuvilhice teria exigido um assassinato, evidentemente.

A dona Maria Mendes, que tinha a compleição de um touro, abriu caminho por entre os homens e cuspiu na cara do vilão sem sentidos.

– Porco! – rosnou.

– E tu aí, filho! – gritou Tiago, o pedreiro, para Daniel. – Por amor de Deus, que é que pensas que estás a fazer a atirar pedras às pessoas?

– Espera aí! – interveio o senhor Paulo, o latoeiro, em defesa do rapaz. – Ele só estava a ajudar a dona Beatriz.

– Mas com uma pedra do tamanho de uma laranja! – exclamou o senhor Alberto.

– Se eu tivesse uma faca, teria cortado o pescoço ao cocheiro! – exclamou um homem que eu não conseguia ver.

– Eu cá tinha-lhe arrancado os olhos! – declarou outro.

Os homens alardearam a sua coragem dizendo o que teriam feito ao brutamontes se tivessem chegado a tempo. As mulheres escarneceram da pouca utilidade de qualquer um deles em alturas em que eram realmente precisos. Porém, nada disto ajudava quer a dona Beatriz, quer Daniel, que olhavam um para o outro como se fossem as duas únicas pessoas na rua. Ela estava a ser levada a coxear para casa, claramente mais preocupada com o rapaz do que consigo. Isto impressionou-me e perguntei-me há quanto tempo se conheceriam.

Os homens começaram a exigir que Daniel saísse do bairro.

– Vou contar até cinco. Se não te puseres a andar daqui para fora, vais ser chicoteado! – gritou Tiago, o pedreiro. – Não pertences aqui, rapaz!

Isto pareceu-me muito injusto. Com nove anos, eu não sabia que Daniel poderia estar de facto em perigo. Naquele tempo, até um rapazinho podia ficar com a cabeça empalada num poste de carvalho se o maldito cocheiro morresse e o testemunho da dona Beatriz não fosse suficiente para justificar o ato. Eu também não sabia que um conde – cujos calções de damasco azul não tinham sido lavados, esfregados, engomados e perfumados a tempo, e cujo gibão de brocado manchado de vinho ainda estava pendurado, qual morcego encharcado pela chuva, numa corda no quintal das traseiras da dona Beatriz – tinha o direito de mandar o cocheiro bater na lavadeira faltosa até a deixar sem sentidos. Quem quer que não estivesse satisfeito com este tipo de justiça podia remeter um protesto escrito ao bispo, à nossa louca rainha Maria ou até mesmo ao papa Pio VII, que, ainda que se compadecesse, estaria demasiado ocupado a evitar ser capturado

por Napoleão para abrir quaisquer *communiqués* do estrangeiro. Em resumo, uma pessoa podia mandar uma carta a quem muito bem entendesse, que não teria o menor efeito.

Não, eu não sabia estas coisas e, por isso, quando vi o pedreiro Tiago confrontar Daniel, fiquei indignado.

O catraio olhava para os pés, confuso. Tal como eu, estivera à espera de elogios.

– Cruzes, eu só queria ajudar – acabou por dizer. – Tive de o fazer. Caso contrário, ela estaria mais morta do que um tambor.

Daniel tapou os olhos com a mão, não querendo chorar à frente dos homens, depois esfregou as têmporas com os polegares, como se quisesse banir pensamentos indesejados – era um gesto de angústia que eu viria a conhecer muito bem nos anos seguintes. Com uma maturidade que achei extraordinária, disse então:

– Acho que me vou embora. Bom dia a todos. – Antes de se afastar, foi buscar a pedra.

– Deixa ficar isso, rapaz – aconselhou Tiago, esticando o dedo num aviso. – Já causaste estragos suficientes por um dia.

Mesmo assim, Daniel agarrou na pedra, sendo alvo de mais censuras da parte de Tiago e dos restantes. Mais do que qualquer outra coisa ver-lhe a cabeça toscamente rapada, numa clara tentativa de o livrar de piolhos, inspirou-me solidariedade. O corte de cabelo era infeliz, pois dava-lhe um ar pobre e doente, levando estes homens a agir mais duramente do que seria justificado. Se canudos louros lhe caíssem na gola vermelha de um casaco de seda, o caso provavelmente teria acabado com umas palmadinhas nas costas.

Corri para eles.

– Mestre Tiago – gritei. – Mestre Tiago, a dona Beatriz estava a ser espancada. O malvado estava a dar-lhe *pontapés!*

– John, vai já para casa – disse ele, franzindo as sobrancelhas, desagrado.

– Ela estava ferida – bradei – e tinha o olho quase fechado. Estava todo inchado. Não viram? Foi uma maldade fazer-lhe isso. O homem era... era um *bloody poltroon*.

Disse as últimas palavras em inglês; era o termo que o meu pai usava para se referir a um miserável cobarde e não consegui

lembrar-me de nada em português que se lhe equivalesse. Percebi pelo olhar de mestre Tiago que não me compreendera e tentei encontrar uma tradução adequada. Mas ele tinha outros planos e agarrou-me pelo braço.

– Anda, filho, vou levar-te à tua mãe – declarou, os olhos a cintilarem de retidão.

– Se não me largar...! – comecei.

– O que é que acontece? – perguntou ele, rindo.

Pensei em dar-lhe um pontapé no sítio em que o tecido das calças puídas se espetava sugestivamente para a frente, mas percebi que isso ainda me meteria em mais sarilhos.

– Faça troça de mim, se lhe apetecer – declarei, a tremer, tentando imitar a voz do meu pai –, mas, se não deixar este rapaz em paz...

Pequeno como era, não fui capaz de encontrar uma conclusão apropriada para aquela prometedora ameaça. E ainda não tinha conseguido libertar o braço da mão peluda de mestre Tiago.

Contudo, Daniel tornou desnecessário o remate à minha ameaça. Tomando balanço, atirou a pedra à cara tirânica de mestre Tiago, mas a meia velocidade, por assim dizer, o que lhe deu tempo para se desviar.

O pedreiro atirou-se ao chão, desistindo de me manter preso.

– Mexe-te! – gritou-me Daniel, abanando furiosamente os braços. – Mexe o rabo e corre, estás livre!